



C. S. D. P.
DUPLICATA

ACTOS DO CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMARIO

I. Carta do Reitor-Mor

1. O renovamento: o seu autêntico significado — 2. Renovamento no equilíbrio — 3. Renovamento « a partir do interior » — 4. Renovamento prático — 5. Renovamento sem falsos compromissos — 6. O renovamento que os leigos exigem de nós — 7. O renovamento nas responsabilidades dos Superiores — 8. O renovamento na nossa consagração a Deus. — 9. Dois Centenários.

II. Disposicoes e normas

1. Concessão para as Ordenações — 2. Destinação e depósito dos proventos paroquiais — 3. Documentos de Profissão e de Ordens Sacras — 4. Redimensão.

III. Comunicacoes

1. Encarregado do Ofício Missionário Central — 2. Centenário de São Francisco de Sales — 3. Centenário da Basílica de Maria Auxiliadora.

IV. Actividade do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral

V. Salesianos defuntos

Necrologia - 1º elenco de 1967.

CONSEJO SUPERIOR DE INSTRUCCION PUBLICA

Faded text, likely a list or report, mostly illegible due to fading and staining.

I. CARTA DO REITOR MOR

Turim, 30 de Abril de 1967.

Queridos Irmãos e Filhos,

De regresso de uma visita breve, mas intensa de encontros tão cordiais, à Península Ibérica, e antes de iniciar um rápido giro pela América Latina (30 Abril - 17 Maio), desejo entreter-me pessoalmente, em conversa familiar, com cada um de vós.

Vários Irmãos escreveram-me a expressar o seu reconhecimento e apreço pela minha precedente carta sobre o « Diálogo »; em várias Inspectorias deu-se até uma cópia dela a cada um dos Irmãos.

Tudo isto me conforta, porque o vosso interesse pelo assunto é indício da vossa vontade em actuar as ideias, as directivas e as normas práticas que ela contém. As próximas viagens incluídas na minha agenda têm, em resumo, a mesma finalidade: através do contacto pessoal com Inspectores, Conselheiros Inspectoriais, Directores, Irmãos dos vários países, na visão directa e concreta das situações e dos problemas locais, actuar aquela construtiva troca de ideias — o diálogo — que cria a mútua compreensão e que se transforma em convicção através da generosa solidariedade operativa entre o Centro e a Periferia, entre os Superiores e Irmãos.

O Renovamento: o seu autêntico significado

Desta vez tenho intenção de expor-vos algumas ideias a propósito de uma daquelas palavras que se repete incessantemente em nome do Concílio. Na verdade é uma das suas palavras-chave: « Renovação »!

Devo acrescentar que também o Capítulo Geral — eco fiel do mesmo Concílio — mais de uma vez retorna sobre esta palavra e mais ainda sobre o conceito que ela abraça e contém.

Mas como tantas outras palavras que ficaram na história (liberdade - democracia - progresso - etc.), também esta sofre as interpretações e as aplicações mais diversas e — frequentemente — mais opostas e arbitrárias, a serviço, talvez, de mentalidades totalmente pessoais, e — por que não dizê-lo? — também de desvios e de verdadeiras deformações do significado genuíno da palavra *Renovação*.

Foi dito a tal respeito que a Renovação querida pelo Concílio — como se vê claramente em dezenas de textos — não é obra de um « bulldozer », a máquina de escavar que derruba quanto encontra no seu caminho, para poder *refazer tudo* desde os alicerces.

A renovação conciliar (e, podemos acrescentar, da Congregação) é antes de mais nada uma obra construtiva, é um conjunto de energias positivas que servem não para destruir, como violento « ciclone », todo um passado, mas para fazer florescer com nova e fecunda vitalidade a Igreja e a Congregação, como a primavera, a qual, bem longe de destruir a natureza invernal, a reanima, aquece e revigora reconduzindo-a àquela florescência, promessa segura de frutos abundantes. Mais concretamente, a verdadeira renovação, tanto na Igreja como na Congregação, realiza-se simultâneamente em duas direcções: uma capacidade de olhar para trás (retorno às fontes originais, como um « reconstruir-se nas fontes »), e ao mesmo tempo uma vigilante atenção aos « sinais dos tempos ».

Quem abandona um dos dois polos cai ou num antiquado conservantismo ou num modernismo destruidor.

Em suma, o verdadeiro e total renovamento é uma *síntese resultante do passado e do presente em vista do futuro*.

Como se vê, o processo de renovamento é uma acção vital, mas assaz delicada, complexa, difícil, que requer inteligência e coragem, mas sempre iluminada pela prudência: numa palavra, o Renovamento opera-se naquele equilíbrio para o qual continuamente o Santo Padre nos chama a atenção.

Renovamento no equilíbrio

E justamente porque vital e construtivo, o Renovamento expresso pelo Concílio (como observa a Conferência Episcopal Austríaca) não só se move sempre no justo meio, na moderação, mas é guiado por uma constante preocupação de ductilidade. Isto é, cada vez que subtrai alguma coisa ao passado (porque gasto pelo tempo ou de qualquer modo infecundo) provê sempre à substituição com um elemento novo que corresponda às exigências dos tempos.

De facto, continua a Conferência Episcopal Austríaca, o Concílio abre-se de uma parte aos novos métodos nas ciências bíblicas, mas afirma ao mesmo tempo que os evangelhos têm carácter histórico e referem a verdade sobre a vida do Senhor.

O Concílio escancara as portas ao sacerdócio universal dos fiéis, mas fala também do sacerdócio oficial instituído do alto. Aprova o progresso, mas trata depois da sua ambivalência para o bem e para o mal. Na liturgia exige uma reforma onde se tenha verificado incompreensão da realidade por causa das transformações culturais e restabelece o antigo *jus liturgicum* dos bispos; mas também indica os limites deste *jus liturgicum*, que não é da competência de qualquer um. O Concílio trata ainda da colegialidade dos Bispos e integra assim o primado do Papa; na colegialidade, porém, o Papa não é somente *primus inter pares*, mas *primus supra pares*, fiando assim também os limites desta instituição.

É claro que quem se limita a subtrair sem substituir adequadamente, não só não renova, mas cria o vazio, destrói. Equilíbrio, dualidade, capacidade de construir, são portanto as bases inderrogáveis do renovamento: o que implica consequentemente uma actuação harmónica, integral, ordenada, não arbitraria, não à mercê da iniciativa e da interpretação de qualquer um, mas dirigida progressivamente por quem tem autoridade e responsabilidade.

Lógicamente, destes claros princípios, derivam muitas consequências práticas que podeis facilmente deduzir, referindo-vos também às situações locais. Dispensó-me, portanto, de descer a pormenores, mas devo dizer ainda algo não menos importante.

Renovamento « a partir do interior »

O Renovamento que se exige da Igreja e da Congregação é hoje, antes de tudo, *pessoal e espiritual*: « a partir do interior ». Se não se aceita esta inderrogável premissa, teremos só a pretensão de construir, mas no vácuo, far-se-á apenas uma acção illusória.

O Concílio repete-o a cada passo: Paulo VI e a Jerarquia não se cansam de rebater este princípio; o nosso Capítulo Geral disse-o também com palavras claras e fortes.

Leiamos o Decreto « *Perfectae Caritatis* », sobre o renovamento da vida religiosa, aquele sobre a formação e o outro sobre a vida sacerdotal, aquele sobre as Missões, etc. Sirva por todas apenas uma citação que directamente nos chama em causa, como religiosos, e é como uma síntese destes princípios basilares.

— « Sendo a vida religiosa antes de tudo destinada a fazer com que os seus membros sigam a Cristo e se unam a Deus com a prática dos conselhos evangélicos, é necessário ter bem presente que as melhores formas de actualização não poderão ter sucesso, se não forem animadas de um verdadeiro renovamento espiritual, ao qual compete sempre o primeiro lugar, mesmo nas obras externas de apostolado » (*Perfectae Caritatis*, nº 2, alínea e.).

Quase para integrar o texto conciliar, ouçamos uma palavra que foi dirigida precisamente a nós, Salesianos, pelo próprio Paulo VI, no discurso aos membros do XIX Capítulo Geral.

— « Quem interpretasse o Concílio como um relaxamento dos empenhos interiores da Igreja para com a fé, a sua tradição, a sua ascética, a sua caridade, o seu espírito de sacrifício e a sua adesão à palavra e à cruz de Cristo, e como indulgente aquiescência à frágil e volúvel mentalidade relativista do mundo sem princípios e sem fins transcendentais, como um cristianismo mais cómodo e menos exigente, erraria! O Concílio tende, sim, a uma disciplina mais sábia e a uma maneira mais moderna para a Igreja entrar em contacto com a alma humana e com a sociedade de hoje, mas não à custa, mas sim para conforto da sua íntima fidelidade a Cristo e do seu generoso testemunho! » (Actos do Cap. Geral XIX, pág. 302 s.).

Parece-me um dever e de extrema utilidade — em momentos de confusões e de perturbações como estes que vivemos — convidar-vos a reflectir sèriamente sobre estas palavras que o Pontífice dirige precisamente aos filhos de D. Bosco. E podemos recordar, para nosso conforto, que os mesmos membros do XIX Capítulo Geral, na mensagem que quiseram enviar a todos os Salesianos do mundo, quase antecipando as palavras do Papa, tiveram palavras graves e sentidas perante o perigo dum Renovamento da Congregação puramente estrutural e exterior, ou, pior ainda, de um relaxamento destruidor que se apresente com a falsa etiqueta do Renovamento.

Eis as palavras da mensagem: — « todas as mudanças exteriores e as novas orientações, por excellentes que sejam, de nada valerão, se as nossas almas de religiosos e apóstolos, não forem enfeveradas e profundamente renovadas. É ao renovamento da nossa consciência religiosa e apostólica que, nesta hora tão importante, nós chamamos todos os Irmãos e Noviços, do mais jovem ao mais venerando: Sacerdotes, Coadjuutores e Clérigos.

Eis o empenho deste renascer: revivamos em nós o sentido da nossa consagração religiosa a Jesus Cristo e a Deus, nosso Pai.

Adquiramos uma convicção mais firme destas verdades, que sustentam e animam a nossa vida concrecta de cada dia » (Actos do Cap. Geral, pág. 347).

Renovamento prático

Se são estes os princípios que honestamente cada um de nós deve reconhecer, devemos ter a coragem de olhar para as realidades consequentes.

Concrectamente, este Renovamento « a partir do interior » como o vivemos?

A meditação, por exemplo, que é o alimento substancioso e insubstituível desta espiritualidade, hoje especialmente que o uso do livro pessoal a faz mais interessante e empenhativa, como a fazemos?

Também fora do tempo da meditação, as leituras, a da Sagrada Escritura especialmente, substanciosas e oxigenantes, encontram um

bocadinho de tempo ao longo do nosso dia? Devemos reconhecê-lo lealmente: o fatal esgotamento que o trabalho quotidiano, muitas vezes enervante, exerce no nosso ânimo, as próprias dificuldades em que embate dia a dia o nosso ministério, o perigo de um insensível e lento acostumar-se ao clima e à mentalidade do mundo com o qual tantas vezes, em razão do próprio ministério, devemos contactar, (ou que por mil motivos penetra na Casa e na comunidade religiosa), são sempre ocasiões e causas de enfraquecimento da nossa vida espiritual, entendida como crescimento na virtude e no espírito de perfeição, como busca de Deus e como união de amor à Sua Vontade.

Ora, ai de nós se esta realidade tão dispersiva não nos leva a ter sede daquele auxílio que só Deus pode dar, se não nos leva a encontrar no contacto pessoal com Deus, como diz Carrel, aquele átomo da sua onnipotência que supre a nossa fragilidade e fraqueza.

Devemos reagir a certa tendência de reduzir toda a piedade à só e simples celebração litúrgica, esquecendo assim aquilo que o mesmo Concílio recomendou claramente: — « A vida espiritual não se esgota na participação da liturgia sòmente. De facto, o cristão, ainda que chamado à oração em comum, é também obrigado a fechar-se no seu quarto para orar ao Pai em segredo; mais ainda, segundo o ensinamento do Apóstolo, deve rezar incessantemente » (Cost. Lit. nº 12 e 13). E se isto vale para o simples cristão, o que não dizer de uma alma consagrada?

Sem a meditação que faz viver Deus em nós, aprofundando os mistérios, também a Santa Missa e toda a liturgia, se disse e com, razão, podem reduzir-se a uma fria sucessão de gestos e de leituras a certa estética, a certa espectacularidade, vazia de toda a riqueza de que os divinos mistérios são justamente transbordantes. E enfim, o tradicional princípio ascético compendiado na clássica expressão « contemplata aliis tradere » hoje mais do que nunca é a fonte de todo o apostolado. Disto temos diàriamente provas documentadas, positivas e infelizmente também negativas.

Vemos a magnífica influência, também sobre as almas modernas, do apóstolo que vive a sua fé e a alimenta em profundidade.

Penso neste momento com viva emoção em tantos nossos Irmãos Sacerdotes e Coadjuutores os quais, justamente porque vivem profundamente e animam substancialmente o seu Sacerdócio e a sua Consagração, conseguem obter das almas — embora em ambientes difíceis e muitas vezes hostis — uma correspondência generosa, constante, operosa, transformando não poucas em preciosas e convictas colaboradoras no apostolado.

Renovamento sem falsos compromissos

Acontece, infelizmente, e não raramente, ouvir falar também na nossa família, de crises e de desmoronamentos fatais de Irmãos nossos, jovens ou menos jovens, que talvez fossem admirados pelos dotes humanos, pelas múltiplas actividades, por aquilo que parecia zelo de ministério.

Isto não quer dizer que se deva relegar ao ostracismo aquele justo sentido de modernidade que sabe usar certos instrumentos de apostolado sugeridos pelos tempos, para levar, precisamente através de tais meios, animados pela caridade, a mensagem Evangélica às almas, e estas a Cristo.

O erro está no facto de que muitas vezes o uso de tais instrumentos acaba por ser não a ponte que se lança entre Cristo e as almas, mas um motivo de evasão onde termina a acção do apóstolo, e em tal caso, na prática, o meio substitui-se ao fim; o apóstolo perde de vista e frustra a finalidade, desperdiça o tempo em actividades estéreis, iludindo-se de fazer obra de bem, quando na realidade não constrói nem para si, nem para as almas.

Parece-me muito sábio e pertinente ao nosso discurso a afirmação de dois conhecidos escritores de espiritualidade religiosa e sacerdotal. « A presença no mundo do cristão como tal (a fortiori do apóstolo — sacerdote ou leigo) não terá valor se ele não conseguir fazer presente o mesmo Cristo » (Walgrave).

« O nosso apostolado não pode limitar-se a afirmar sòmente genéricas e inconcludentes presenças no mundo contemporâneo », presenças que deixam tudo na mesma, « mas tem de chegar à difusão

da verdadeira fé e da prática autêntica da moral cristã » (Colósio).

Devemos portanto dizer que a « presença » do salesiano em actividades não directamente apostólicas muitas vezes é necessária, e, sendo preciso, deve ser corajosa e — porque não? — genial também, mas no âmbito da obediência, sempre regulada por um grande sentido de oportunidade e comedida nos modos, nos instrumentos, nos tempos.

Tal presença deverá depois ser iluminada por uma visão clara e movida por uma vontade concreta, operosa e sincera, de conseguir os fins verdadeiramente apostólicos que, sòzinhos, podem justificar e tornar fecundas tais « presenças » do salesiano: o qual, é bom recordar, « apresentará » antes de tudo, em todas as situações, a figura do Sacerdote ou do Consagrado, integralmente, sem lacerações e sem compromissos ou concessões.

Certas crises, sempre dolorosas para todos, podem parecer às vezes inexplicáveis. Mas se se observa o miolo das coisas, verifica-se que aquela alma, afastando-se progressivamente da água viva da Fonte, se estava tornando lentamente árida e seca; ao apóstolo tinha-se substituído o professor, o construtor, o conferencista, o homem de negócios; o ideal sobrenatural, devagarinho, mas num progressivo e desolado esfriamento, vinha-se ofuscando cada vez mais, e em seu lugar, vinham-se impondo aqueles atraentes mas venenosos substitutos, que o mundo de hoje oferece em abundância: dinheiro, prazer, liberdade sem limites, e depois... o passo final, que provoca tanto rumor, mas que é apenas o último de tantos que conduziram o apóstolo por estrada tão escorregadia, à falência total.

Como é necessário, portanto, Irmãos caríssimos, termos a preocupação de alimentar diàriamente e substancialmente a nossa alma com todos aqueles meios que a Igreja e a Congregação nos põem à disposição: e isto no nosso interesse e no interesse das almas, às quais — hoje mais do que nunca — não podemos dar a água amarga da cisterna, mas a água límpida e restauradora da nascente pura. Sòmente estes recursos dão frutos apostólicos e espirituais. Um Capelão Militar lamentava-se com o seu Coronel de ter tentado todos os meios para interessar os soldados, mas em vão: cinema, bar gratuito, des-

portos, jogos com prémios, etc., etc. O Coronel, depois de reflectir um pouco, disse ao Capelão: « E se tentasse falar aos meus homens de um pouco de religião? ».

É um conselho que, completando as outras observações feitas antes, pode induzir-nos a um útil exame de consciência a propósito de apostolados indirectos e das nossas « presenças » no mundo contemporâneo, em tantos ambientes juvenis ou outros, de homens ou de senhoras.

O Renovamento que os leigos exigem de nós

Permiti que vos diga ainda algumas palavras a este respeito.

Este Renovamento « a partir do interior » é-nos exigido, com a clareza e a decisão própria dos leigos de hoje, pelos nossos fiéis, os jovens. Ouvei alguns trechos de respostas de leigos — de todas as categorias — a um inquérito sobre o tema: « como gostarias que fosse o Sacerdote de amanhã ». — É interessante observar a convergência substancial das respostas.

Nestas, não se pede que o Sacerdote de amanhã (e isto vale também para hoje) seja, por exemplo... um brilhante tocador de guitarra eléctrica, ou saiba de cór as regras do futebol, ou se vista com fatos dos leigos quase a confundir-se com eles; ou ainda, segundo uma expressão um tanto irónica, tenha domicílio permanente no carro, correndo sem descanso a encontros, passeatas, negócios e outras coisas mais. Requer-se bem outra coisa dos Sacerdotes!

Uma senhora, Deputado no Parlamento do seu país, diz textualmente: « O Sacerdote conheça os costumes dos homens deste nosso tipo de civilização, que certamente não é cristã, mas não se faça participante deles, não os assimile, não os imite, não os condida e nem mesmo os justifique. Não se aburguese, não se proletarize, não se politiquize, porque se é verdade que ele é sacerdote destes tempos, não é verdade que ele seja homem destes tempos ».

Um professor universitário diz: « Não ignore o sacerdote os aspectos, e não despreze os instrumentos da vida contemporânea, mas não tenha jamais o *culto* da modernidade. Seja culto, mas saiba que

não é com a cultura que se conquistam as almas; vale mais o amor, a compreensão, a intuição, que nenhum livro pode dar ».

Outra *personalidade politica*, insígne figura de estudioso, responde assim: « O Sacerdote seja inteligentemente aberto diante das inovações, mas sem abandonar a sabedoria da tradição; esteja convencido, na teoria e na prática, do primado da contemplação e da oração ».

Enfim, eis o pensamento de um grande publicista. — « Quanto mais se alimenta a espiritualidade do clero, e se aperfeiçoa o seu magistério e ministério, tanto mais se aumenta a sua influência social. Sòmente o Sacerdote com a sua vida exemplar e com o vigor dos seus imperativos pode salvar-nos da progressiva desintegração dos costumes morais ».

Não é preciso nenhum comentário aos trechos citados, mas parecem-me dignos de muita reflexão da nossa parte: os leigos ao fim de contas, exigem de nós antes de tudo, um Sacerdócio e uma Consagração (e este discurso é evidentemente válido também para os caríssimos coadjutores) feitos de coerência total, de profunda espiritualidade, acompanhados de sensibilidade eficaz aos sinais dos tempos. Substancialmente os leigos pedem a cada um de nós o renovamento, mas como é entendido pelo Concílio, pela Jerarquia, pela Congregação.

Os jovens então, conforme o seu estilo, são ainda mais exigentes e sem meios termos a nosso respeito.

Os alunos de um nosso Instituto pré-universitário, cujos professores são todos sacerdotes, foram convidados a responder com liberdade à seguinte pergunta:

— « Como quererias que fosse o teu professor? ».

A resposta que teve o maior número de pontos é do seguinte teor: — « Quereria que o meu professor fosse sempre sacerdote e totalmente sacerdote... quereria que, mais do que ser professor, ele se preocupasse de fazer-se nosso “verdadeiro amigo”. Preferiria antes um bom professor leigo, a fim de que o sacerdote pudesse desempenhar comigo toda a sua parte de sacerdote ».

Devemos ser gratos a estes caros jovens, que nos confessam ter sede de « amizade sacerdotal » e exigem que o salesiano seja antes de tudo e essencialmente o ministro de Deus, o Educador que construa neles um sólido e convicto cristianismo.

O Renovamento nas responsabilidades dos Superiores

Não posso terminar sem dirigir uma palavra àqueles que têm o dever primário de realizar nos indivíduos e nas nossas comunidades este autêntico renovamento. Os Superiores locais, Inspectores e Directores, têm uma parte insubstituível, melhor, uma não ligeira responsabilidade, em ajudar — verbo et opere — os próprios irmãos a realizarem este renovamento pessoal. Antes de tudo na mentalidade, que deve abrir-se, evoluir e formar-se em fiel sintonia com o verdadeiro espírito do Concílio e do Capítulo Geral; e depois na prática de tudo quanto é postulado deste autêntico Renovamento: na vida e piedade comunitárias, na estima e observância dos votos, na ação educativa corresponsável, no governo dos Irmãos, no ministério sacerdotal, com todo o nosso apostolado.

Compete aos Superiores primeiramente com o prestígio insubstituível do próprio exemplo, iluminar, guiar, encorajar e corrigir, quando necessário, de modo a evitar desvios, intemperanças e arbitriedades, que nada têm a ver com o autêntico Renovamento, pelo contrário o esvaziam e anulam.

Compreendo que tudo isto não é para os Superiores trabalho fácil. Sim, ocorrem sabedoria, abertura, prudência e muita coragem; diria mesmo, muito sacrifício, porque muitas vezes o Superior para desempenhar o específico serviço que a Igreja neste momento lhe pede, deve ir contra a corrente, deve sacrificar a própria pessoa. Mas os interesses da Igreja e da Congregação bem valem estes sacrifícios; e os Superiores saberão dar este sinal concreto do seu sincero e operativo amor aos Irmãos e antes de tudo a Cristo, cabeça viva da Igreja que se renova.

Renovamento na nossa consagração a Deus

E vamos Concluir.

Hoje tudo nos convida urgentemente a realizar em profundidade o nosso renovamento espiritual. Dele extrairemos aquela luz, aquela segurança e aquela coragem — três componentes insubstituíveis —

no operar o reexame do nosso apostolado tão essencial para actuar uma construtiva adequação aos sinais dos tempos que a Igreja e a Congregação pedem insistentemente a cada um de nós.

Recordemos tudo quanto autorizadamente se disse sobre o Papa João XXIII. As suas corajosas, ousadas, frequentemente imprevisíveis iniciativas e aberturas, têm a sua explicação no « Diário de uma alma ».

Toda a obra do Papa João XXIII, que conquistou a difícil humanidade do nosso século, tem as raízes na sua cristalina e profunda espiritualidade, na sua vida de fé.

É necessário que todos, jovens e não jovens, desejosos duma acção renovada e renovadora, se convençam da realidade e da potência desta lei. É assim que fazemos vivo o Concílio, é assim que respondemos ao grande apelo do nosso Capítulo Geral.

Nos retiros mensais e trimestrais, nos grandes retiros anuais, vejamos com sentido de responsabilidade e com coragem, em que medida e em que modo o estamos actuando. Recordemos o diálogo passado exactamente há 100 anos, entre D. Bosco e o Ministro Ricá-soli em Florença. Naquela ocasião, o nosso Pai, quando definiu sem meios termos e compromissos a personalidade do Sacerdote integral, indicou-nos a imagem que deve ser reproduzida fielmente. Que D. Bosco sempre padre e totalmente padre, em todos os lugares, de frente a qualquer um, nos dê a força e a luz para viver com perfeita coerência o nosso Sacerdócio e a nossa consagração para dar a nossa positiva, embora humílissima contribuição para a construção da Igreja no mundo.

Dois Centenários

Antes de concluir esta minha, desejo dar-vos duas notícias que vos serão certamente agradáveis e úteis.

No próximo mês de Agosto ocorre o IV Centenário do nascimento do nosso Patrono S. Francisco de Sales.

O Santo Padre publicou uma interessante Carta Apostólica para a ocasião. Nós que nos sentimos tão ligados ao Santo Bispo de Ge-

nebra e ao seu espírito, queremos recordar devidamente o acontecimento. Encontrareis nas « Comunicações » destes « Actos » várias iniciativas com a finalidade de celebrar dignamente o acontecimento. Estou certo de que as Celebrações — embora na variedade de formas que tomarão nas diversas partes da Congregação — enquanto serão uma homenagem devota ao Santo do qual D. Bosco quis que tomássemos o nome, e mais ainda o espírito, serão também motivo para animar-nos a olhar com renovado interesse para o nosso Santo Patrono, o qual, como disse Paulo VI, « soube com profunda intuição da sua sagacidade prevenir as decisões do Concílio.

No dia 9 de Junho de 1968, ocorrerá o Centenário da Consagração da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora em Turim.

Todos os Salesianos sabem o que significa para a Congregação e para toda a nossa Família esta Igreja. Todos nós sabemos o íntimo e profundo vínculo entre o nosso Pai e a Virgem Auxiliadora, o que D. Bosco fez para construir este monumento, de quais e quantos prodígios a Basílica foi motivo para a glória de Maria e para dar crédito à obra e à santidade de D. Bosco.

Recordemos que a Basílica de Maria Auxiliadora é a Alma Mater da Congregação, e não só o centro irradiador da devoção mariana espalhada pelos filhos de D. Bosco pelo mundo, mas é também uma central de irradiação apostólica, da qual, já quase há um século, partem cada ano apóstolos e missionários para todas as vias do mundo com a benção de Maria Rainha dos Apóstolos.

O ano centenário deverá assinalar, para a Congregação e para a família salesiana inteira, um renovado fervor mariano na luz e no espírito do Concílio.

No Decreto sobre o apostolado dos leigos lemos: « todos os cristãos honrem com grande devoção e confiem aos seus maternos cuidados a própria vida e o próprio apostolado » (nº 4), e a Constituição « Lumen gentium » por sua vez afirma: « A verdadeira devoção (a Maria) não consiste nem num estéril e passageiro sentimentalismo, nem em certa credulidade, mas procede da fé verdadeira, pela qual somos levados a reconhecer a preeminência da

Mãe de Deus, e somos excitados ao amor filial para com a nossa Mãe e à imitação das suas virtudes...

Enquanto é honrada a Mãe, o Filho, ao qual todas as coisas são dirigidas, seja devidamente conhecido, amado, glorificado, e sejam observados os seus mandamentos » (nº 66-67). As iniciativas que serão tomadas para celebrar dignamente o acontecimento terão como inspiração estas ideias e as directivas conciliares.

Cada Inspectoria, cada casa, cada Irmão, quererá estar presente activamente à filial homenagem Aquela que foi Mãe e Mestreira do nosso Pai e de toda a nossa família.

Encontrareis também sobre este assunto as primeiras comunicações noutra parte dos « Actos ».

* * *

Recomendo à Virgem Auxiliadora estas páginas: que por intercessão do nosso Patrono e do nosso dulcíssimo Pai, Ela as faça agradáveis e frutuosas às vossas mentes e aos vossos corações, para o bem das vossas almas e daqueles de quem sois guias e pastores.

Rogai muito por mim e pelos Superiores do Conselho.

Asseguro-vos a minha quotidiana e afectuosa lembrança « in fractione panis ».

Af.mo Sac. LUIS RICCERI
Reitor Mor.

II. DISPOSIÇÕES E NORMAS

1 - Concessão para as ordenações

A S. Congregação dos Religiosos, em data de 18 de Fevereiro, concedeu ao Reitor-Mor da Sociedade de S. Francisco de Sales, para os anos de 1967-1968, a faculdade de admitir ao diaconado os sub-diáconos, terminado o 3º ano do curso teológico (expleto tertio anno cursus theologici) e os diáconos ao presbiterado durante o quarto ano do curso teológico (progrediente quarto anno S. Theologiae).

Os Inspectores que intenderem servir-se desta concessão façam o pedido ao Reitor-Mor, especificando os motivos do seu pedido.

2 - Destinação e depósito dos proventos paroquiais

Para ir ao encontro do desejo expresso por muitos, de dar uma interpretação objectiva ao art. 373 dos Regulamentos, que não teria uma formulação de todo clara, dá-se a seguinte explicação, depois de ter escutado os competentes no assunto, na expectativa de um tratado geral sobre as Paróquias Salesianas.

O art. 373 fala da *destinação* dos lucros paroquiais. Por isso, salvo quanto é prescrito para tais destinações no Can. 630 par. 3 e par. 4, o resto de tais lucros é usufruído pela Casa Salesiana, segundo a norma do Can. 1473, ou segundo as eventuais convenções com o Ordinário do lugar. Ao invés, quanto ao *depósito* das entradas paroquiais, em base ao mesmo Can. 630, par. 4, há uma norma comum para todas as entradas: isto é, devem ser depositadas ou entregues à competente autoridade salesiana, de acordo com a norma do art. 170 dos Regulamentos, quer as entradas usufruíveis, quer as que devem permanecer à disposição do Pároco, quer ainda as destinadas ao edifício da Igreja.

É claro que se deixará ordinariamente ao Pároco a quantidade de dinheiro que a experiência diz ser suficiente para afrontar as necessidades urgentes e quotidianas.

Explicado isto, eis alguns esclarecimentos:

1) O can. faz as seguintes destinações sobre os proventos paroquiais:

a) aqueles dados à Paróquia, seja de que maneira fôr. E note-se que quando não seja provado o contrário, deve-se presumir que se entendeu dar à Paróquia. Tais bens ficam também sob a vigilância do Bispo;

b) os que inequivocavelmente resultam dados ao Pároco religioso *pessoalmente*, assim como poderiam ser dados ao Director ou a outro Irmão. Estas entradas vão exclusivamente para a Casa Salesiana (ver Can. 580, par. 2);

c) os dados com determinada intenção, por exemplo, para os pobres da Paróquia, para as escolas paroquiais, etc. Estes são administrados, sob a vigilância do superior salesiano, pelo Pároco, o qual respeitará a vontade dos doadores;

d) aqueles dados para a construção, restauração ou adorno da Igreja. A administração destes pertence ao Superior Salesiano, se a igreja é de propriedade salesiana; se é de propriedade da Diocese, pertence ao Bispo;

e) aqueles que provêm de eventuais benefícios, do salário diocesano, da cóngrua, dos direitos de estola, etc. Destes, usufruirá a Casa, segundo a norma do cân. 1473, tendo conta o pessoal adido à Paróquia, os auxílios pastorais de outros Irmãos, as despesas de manutenção e de exercício, e qualquer outra prestação onerosa, não esquecendo também a preparação do pessoal adido à Paróquia.

2) De todos os lucros, o Pároco fará uma clara e distinta regis- tração e depôla-a junto da competente autoridade salesiana, a qual se regulará segundo a norma dos arts. 162 e 170 dos Regulamentos.

3) Visto que em todas as Casas deve haver uma administração unificada e as quantias excedentes às necessidades diárias devem ser depositadas no Banco, o Pároco, aliás como o Director, não pode eximir-se a entregar o que excede das quantias que pode administrar pessoalmente e todas as outras recebidas seja a que título fôr.

4) Também para favorecer uma maior e estreita colaboração de trabalho, entre Oratório e Paróquia, é conveniente que a Paróquia, caso possa fazê-lo, se responsabilize em parte ou em tudo pela manutenção do Oratório. Isto, porém, deve ser de acordo com o Director, Pároco, Prefeito e Director do Oratório, para que sejam reguladas as subvenções, segundo as necessidades e nas formas consentidas, e os rendicontos periódicos à única administração da Casa.

5) Tanto o Pároco como o Director do Oratório devem ter uma regular administração das suas gerências, que estão sempre sob o controle do Director e são periódicamente transcritas na administração central da Casa.

3 - Documentos de Profissão e de Ordens Sacras

Alguns Inspectores lamentaram-se de que não chegam tempestivamente, aos seus arquivos, os documentos que comprovam as Profissões religiosas ou as Sagradas Ordenações dos seus clérigos que fazem os estudos fora da Inspectoria.

Permitimo-nos recordar aos Secretários Inspectoriais interessados as boas normas para a correcta praxe a este respeito.

A - Profissão religiosa

Das três partes de que consta o livro de recibos para a documentação da profissão religiosa feita:

a) A matriz é destinada ao arquivo da Inspectoria onde foi feita a Profissão.

b) O primeiro módulo deve ser enviado à Secretaria Geral para o arquivo central da Congregação.

c) O segundo módulo deve ser enviado à Inspectoria de origem do clérigo.

Fazemos notar que tais módulos devem ser compilados e datados depois da profissão feita, não antes, e ambos assinados pelo professo com assinatura autógrafa completa e bem legível; sejam depois expedidos o mais depressa possível às respectivas destinações.

B - Orden Sacras

Para as Ordens Sacras existem dois livros de recibos.

a) O primeiro consta de uma matriz que deve ficar no Arquivo da Inspectoria onde é feita a Ordenação, e de um módulo que contém uma dupla documentação:

1) atestado do Inspector que admitiu o clérigo à Ordenação.

2) declaração do Director do Seminário Teológico, como Delegado do Inspector, dizendo que o clérigo recebeu determinada Ordem.

Ambos devem ser datados e assinados, com assinatura autógrafa, não carimbada. O módulo deve, depois, ser enviado, completo nos seus dados, à Secretaria Geral, para o Arquivo Central. A margem deste, recorda-se que o Inspector deve conservar no seu arquivo as cartas os *testimoniais da Ordenação feita, passadas pela Cúria*. O Inspector aqui indicado é aquele de origem; por isso o secretário do Inspector que admitiu o candidato às Ordenações mande estas cartas testimoniais, apenas as receba da Cúria, a cada um dos Inspectores de origem dos clérigos. O *módulo* de que antes de falou, deve ser compilado e expedido à Secretaria Geral logo após a Ordenação, sem esperar as cartas testimoniais da Cúria, que às vezes se fazem esperar por um tempo notável.

b) O segundo livro de recibos contém a notificação da Ordenação feita ao Pároco do clérigo que recebeu o *sub-diaconado*. A matriz, devidamente compilada, fica no arquivo da Inspectoria à qual pertence o Seminário Teológico; o módulo, ao invés, é expedido ao Pároco do neo sub-diácono para a necessária regisração no registro dos baptismos, prescrita pelo Can. 470, 2. Cfr. Can. 1011.

4 - Redimensão

Chama-se a atenção com insistência e urgência para que em todas as Inspectorias se dirijam as actividades para o estudo e a programação da redimensão. Enquanto sabemos que em muitas Inspectorias tal trabalho foi afrontado com seriedade, com organização precisa e com satisfação geral dos Irmãos, consta-nos que em outras, tal iniciativa procede ainda lentamente e sem aquela bem definida distribuição das atribuições que lhe asseguram um bom êxito.

Portanto recorda-se mais uma vez que se distribuam os formulários aos Irmãos, que se fixe o tempo para as reuniões nas diversas Casas, que se instituem as Comissões Inspectoriais e se determine o prazo para cada uma das sucessivas fases de trabalho. Sem estas precisões não sòmente é procrastinado o resultado, mas é comprometido pela incerteza do método e dos termos do empenho. Trata-se de uma séria revisão das nossas obras e da nossa actividade, da qual pode depender a real eficácia do nosso apostolado: essa não pode ser deixada a uma impostação superficial e improvisada. Um plano bem estudado da redimensão é um importantíssimo serviço feito à Inspectoria e à Congregação.

III. COMUNICAÇÕES

1 - Encarregado do Officio Missionário Central

O Reitor-Mor chamou para dirigir o Officio Missionário Central, instituído por deliberação do XIX Capítulo Geral, o Irmão Sacerdote Francisco Láconi, ex-Inspector no Oriente. Tal Officio, que é colocado « sob a directa responsabilidade do Superior Encarregado das Missões », tem como finalidade « organizar, coordenar, promover as actividades e os interesses missionários da Congregação inteira » (Actos do Cap. Geral XIX, pág. 179 s.).

2 - Centenário de S. Francisco de Sales

Para o IV Centenário do nascimento de S. Francisco de Sales, do qual tratará o Reitor-Mor num outro número dos Actos do Conselho, promovem-se as seguintes iniciativas:

1) Uma solene comemoração do Centenário no Pontifício Ateneu Salesiano em Roma.

2) Análoga comemoração em todos os Seminários de Teologia e Filosofia.

3) O Reitor-Mor e o Conselho Superior prestarão homenagem de veneração ao Santo em nome de toda a Congregação, com uma peregrinação a Annecy.

4) As Casas Salesianas mais próximas, organizem peregrinações com grupos de alunos, cooperadores, ex-alunos, paroquianos, etc., aos lugares onde se recorda o Santo (Annecy, Treviso, etc.).

5) As editoriais salesianas são convidadas a imprimir e a difundir as obras do Santo, a sua biografia, as cartas apostólicas comemorativas

de Pio XI e Paulo VI respectivamente, para o III Centenário da morte e para o IV do nascimento de S. Francisco de Sales.

6) Os Irmãos, assecundando as exortações pontifícias, aprofundem o conhecimento da doutrina espiritual de S. Francisco de Sales através da meditação, leitura pessoal, leituras da comunidade, sermões dos retiros mensais e dos Exercícios Espirituais.

7) Aprofunde-se o estudo relacionado entre a espiritualidade de S. Francisco de Sales e a de S. João Bosco.

8) Promovam-se publicações de artigos periódicos, salesianos ou não salesianos, para realçar a actualidade do Santo e a sua doutrina.

9) Cada Casa celebre a ocorrência centenária do Santo Patrono, com iniciativas locais que melhor se adaptem ao carácter da própria obra.

3 - Centenário da Basílica de Maria Auxiliadora

A 9 de Junho de 1868, foi consagrada a Basílica de Maria Auxiliadora. Anunciamos desde já o Centenário de tão grande acontecimento, mas as Celebrações realizar-se-ão em 1968, segundo um programa que será comunicado a seu tempo.

A mais bela expressão da lembrança deste Centenário, deverá ser, evidentemente, o reflorescer da devoção a Maria Auxiliadora em toda a nossa família e entre os fiéis. Não poderão, no entanto, faltar as manifestações externas, tradicionais da devoção mariana, em primeiro lugar as peregrinações à Basílica de Turim. As Casas que estão em condições de poder efectua-las, incluam-nas no quadro geral das suas actividades.

Para essa ocasião é necessário ter uma precisa e ampla documentação sobre o culto de Maria Auxiliadora nas obras salesianas e na Igreja. Para tal fim, mais uma vez nos dirigimos aos Inspectores, afim de enviarem ao Conselheiro dos Apostolados Sociais de Turim, ou ao P. Domenico Bertetto, do Pontifício Ateneu Salesiano em Roma, todo o material à disposição, relações e fotografias.

IV. ACTIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

Nos primeiros meses do ano, de Janeiro a Março, estiveram reunidos em Turim, todos os membros do Conselho Superior. Neste período, além do desempenho das actividades ordinárias de governo, o Conselho atendeu e discutiu as amplas relações que foram feitas pelos Conselheiros encarregados dos Grupos das Inspectorias, sobre as visitas efectuadas nos últimos meses de 1966. Com isto foi possível obter um panorama bastante preciso das actividades da Congregação, da situação das várias obras e dos problemas que nascem da actuação das deliberações do Capítulo Geral.

Este exame pôs em evidência de um modo particular, o empenho neste momento post-conciliar, unido num esforço unânime os Irmãos de todas as Inspectorias. Vêm também à vista, naturalmente, as dificuldades de ordem geral que se reflectem no nosso ambiente e também as que são próprias da nossa Congregação. Mas tal verificação, confirmou a necessidade e urgência de continuar a obra de renovação, seguindo aquela linha e mantendo aquele ritmo de realizações que foram estabelecidas nos programas precedentes. Para melhor desenvolver esta tarefa e para não dispersar por demasiados problemas a atenção e o trabalho dos Irmãos, não se tomaram por agora novas iniciativas, além daquelas já em curso, mas renovou-se, ao invés, o convite e o encorajamento para levar a termo, no período de tempo já fixado e com o melhor resultado, as actividades até agora promovidas.

Os pontos de maior interesse do trabalho deste ano, referem-se à «redimensão», ao pessoal das Casas de Formação e à Pastoral Juvenil.

A meados de Março, os Conselheiros encarregados dos Grupos de Inspectorias, partiram para as suas visitas. Nos anos precedentes, no primeiro período das suas actividades, atenderam principalmente

a encontros de carácter geral, com os Inspectores e Directores, sem poderem contactar directamente com muitas obras da cada Inspectoria. Tal orientação de trabalho era requerida pela necessidade de começar com a actuação das deliberações do Capitulo Geral através de reuniões com aqueles que mantinham responsabilidades de governo nas várias Inspectorias.

Com as visitas iniciadas em Março p.p., os Conselheiros receberam ordens de atender com mais immediato interesse a cada Casa, de modo a poderem encontrar-se com o maior número de Irmãos e assim ficarem ao corrente dos seus problemas de vida religiosa e pastoral.

Evidentemente, este trabalho, para ser desempenhado com utilidade, precisará de tempo suficiente e deverá ser seguido regularmente, afim de visitarem cada Inspectoria, tanto mais que continuam contemporâneamente os impenhos de carácter geral para cada Grupo de Inspectorias.

Das informações que vão chegando ao Reitor-Mor, verifica-se como por toda a parte este trabalho prossiga com grande satisfação dos Superiores, dos Irmãos e, como se vão realizando as vantagens que o Capitulo Geral pretende com a nova estrutura do Conselho Superior.

Enquanto se está desenvolvendo a actividade ordinária dos Conselheiros nas várias partes da Congregação, outras actividades de carácter extraordinário se vão actuando por parte do Reitor-Mor e de outros Superiores.

Don Ricceri terminou as suas viagens à Alemanha, Espanha e Portugal, dispondo-se a viajar pela América Latina durante o mês de Maio. Podem-se ler no « Boletim Salesiano » ou na « Agência Notícias Salesianas » as informações que dizem respeito aos factos exteriores destas visitas. O fim que tem o Reitor-Mor é, além do encontro paterno com os Irmãos, o de levar a todos, mediante a sua palavra viva e a sua presença, o encorajamento da Congregação neste intenso período post-conciliar e post-capitular, de dar uma segura orientação de ideias no que respeita à missão actual da Congregação, de criar de um modo rápido e quase visível o sentido de unidade a

todas as forças que trabalham nos vários campos de apostolado salesiano.

Para tal fim, o Reitor-Mor reduziu ao indispensável as manifestações externas. Encontrando-se com os Inspectores, Conselheiros Inspectoriais e Directores, tratará com eles dos interesses de maior relevo espiritual e pastoral das nossas obras, segundo as directivas dadas pelo Capítulo Geral aos órgãos dirigentes da Congregação.

De preferência são considerados os seguintes temas: o Conselho Inspectorial e o Vicariato Inspectorial segundo as deliberações do Capítulo Geral; o Director e o Conselho local segundo o Capítulo Geral; o sentido autêntico do renovamento; a actualidade e o valor da nossa vocação salesiana.

Evidentemente, o Reitor-Mor tem um cuidado especial pelas casas de formação, onde a presença do sucessor de D. Bosco desperta profundas ressonâncias na formação dos jovens Irmãos.

D. Bellido, Catequista Geral, presidiu ao anunciado Curso para os Mestres de Noviços das Inspectorias Europeias, realizado em Caselle de 17 a 29 de Abril. Foi um curso de actualização, onde foram considerados os problemas da vocação religiosa e da formação dos Noviciados à luz do Concílio Vaticano e do Capítulo Geral, segundo as exigências do nosso tempo e as indicações das ciências pedagógicas e ascéticas.

O Ecónomo General, conforme fora já anunciado, realizou duas reuniões para os Ecónomos Inspectoriais da América do Norte e do Sul, de 4 a 7 de Abril em Buenos Aires, e de 12 a 15 do mesmo mês em Caracas. Tratou-se dos deveres gerais do sector económico-administrativo na Congregação, da figura e dos trabalhos dos Ecónomos Inspectoriais, da administração das Casas e dos trabalhos do Director e do Prefeito, de vários problemas económicos e financeiros.

D. Pianazzi, Conselheiro das Casas de Formação, continuou a série de visitas aos Seminários de Teologia e Filosofia; no mês de Janeiro esteve em Espanha, em Março na Alemanha e Itália, em Maio na América Meridional e Setentrional. Tais encontros têm o fim único de preparar, com conhecimento directo das situações locais

e ouvindo o parecer dos Irmãos, a reorganização dos estudos promovida pelo Capítulo Geral.

D. Scivo prègou os Exercícios Espirituais e presidiu ás reuniões dos Directores da Inspectoria do Chile. Presidiu também á Reunião Internacional da Pastoral Juvenil que se realizou em Madrid de 26 a 30 de Abril.

Não é fácil seguir as várias iniciativas que foram promovidas nas várias Inspectorias para a actualização e o renovamento espiritual dos Irmãos e para o estudo dos nossos problemas pastorais. Convidam-se, pois, os responsáveis de tais actividades a remeterem aos officios interessados de Turim, o material de informação, afim de que, mediante a voz, ainda que esquemática, da nossa crónica, possa resultar um quadro satisfatório do nosso trabalho e todos possam extrair um modelo e incitamento das experiências dos outros.

Assinalamos primeiramente a publicação do primeiro número da renovada revista de informações e de união « Convergenze », para os Irmãos Coadjuutores. A apresentação da revista é interessante em todos os aspectos: os Directores façam assinaturas para a casa e para cada um dos Irmãos Coadjuutores.

Para os Coadjuutores há a assinalar três reuniões que se efectuaram respectivamente nas Inspectorias da Ligúria-Toscana (Itália), da Venezuela e de Porto Alegre (Brasil). Os temas, em geral, foram quase idênticos em todos os encontros: o religioso laico na mente do Concílio, o Coadjuutor salesiano na mente do Capítulo Geral, a vocação dos Coadjuutores, a missão dos Coadjuutores no mundo contemporâneo.

A exortação do Capítulo Geral para que se estude uma orientação de Exercícios Espirituais mais aderente à mentalidade e às exigências do nosso tempo, foi acolhida pelos Inspectores de Itália, que promoveram uma reunião de estudo sobre este argumento e anunciaram, para fins de Abril deste ano corrente, em Ariccia (Roma), um encontro com os prègadores dos próximos Exercícios Espirituais do verão para prepará-los convenientemente para tão grave função espiritual.

V. SALESIANOS DEFUNTOS

N.B. - *Renova-se o pedido de enviar à Secretaria Geral da Congregação o necrológio de todos os Irmãos defuntos. De vários Irmãos não nos foi possível comunicar nada, por falta de informações.*

Coad. Luís Maria Andueza

* a 11-12-1950, † em Barcelona (Espanha) a 8-3-1960, com 16 anos de idade e 9 meses de Noviciado.

Fez a profissão « in articulo mortis », cinco dias antes de morrer. Como Noviço distinguiu-se na obediência, piedade, alegria e no grande amor à vocação de coadjutor salesiano. Deu exemplo de fortaleza cristã no modo como suportou as dores agudas da doença.

Pe. Erberto Bamber

* a 24-9-1908, † em Chertsey (Inglaterra) a 28-1-1967, com 58 anos de idade, 40 de profissão e 32 de sacerdócio.

Foi um sacerdote exemplar, de grande bondade e de maneiras delicadas. Como pregador e confessor fez um grande bem aos Irmãos e aos jovens. Foi de grande zelo em promover as vocações ao sacerdócio.

Coad. Júlio Barón

* a 15-9-1905, † em Bogotá (Colômbia) a 14-2-1967, com 61 anos de idade e 38 de profissão.

Coadjutor exemplar, muito devoto de Maria Auxiliadora. Morreu de um cancro que tinha suportado heróicamente por vários anos.

Pe. Pascoal Bibbó

* a 16-6-1915, † em Nápoles (Itália) a 13-4-1967 com 51 anos de idade, 35 de profissão e 27 de sacer.

Fiel ao dever e professor apreciadíssimo, dispendeu todas as suas energias no meio dos jovens, atendendo à sua formação espiritual e intelectual com o mais genuíno espírito salesiano.

Coad. Manuel Castillo

* a 29-1-1907, † em Lima (Perú) a 2-11-1966, com 59 anos de idade e 32 de profissão.

Foi por muitos anos sacristão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Magdalena del Mar e da Basílica de Maria Auxiliadora em Lima.

Distinguiu-se pela sua humildade, espírito de trabalho e de sacrifício, vontade de servir o próximo, observância religiosa e bom espírito salesiano.

Coad. Alfredo Cauchi

* a 21-5-1871, † em Sliema (Malta) a 10-2-1967, com 95 anos de idade e 57 de profissão.

Era o Irmão mais velho da Inspectoria. Tipógrafo de grande competência, homem de carácter sincero e simples, de uma piedade profunda e sólida, observantíssimo, era um salesiano que reflectia as nossas mais belas tradições. Estimado por todos, sabia cativar particularmente o afecto dos jovens com a sua inexaurível alegria.

Coad. João Cavagnino

* a 12-3-1878, † em Turim (Itália) a 20-2-1967, com 88 anos de idade e 40 de profissão.

Aos 45 anos deixou o comércio para se consagrar totalmente a Deus. Trabalhou outros 40 anos com não menor interesse e actividade, mas antepoñendo sempre ao trabalho a oração. Não se cansava de ajudar às Santas Missas desde manhã cedo até à hora do trabalho. À noite, dava asas a sua extraordinária devoção ao Rosário. Só Deus sabe quantos terços rezou o Sr. Cavagnino, principalmente nestes últimos anos.

Pe. Jorge Delacroix

* a 14-12-1902, em Bruxelas (Bélgica) a 12-1-1967, com 64 anos de idade, 44 de profissão e 37 de sacerdócio.

Missionário no Catanga durante 37 anos, regressou à Pátria por motivos de saúde contando sempre, contra toda a esperança, de voltar ao seu trabalho missionário, ao qual havia dado o melhor de si mesmo. Foi missionário viajante, Director, Inspector das escolas diocesanas de Sakania, com uma dedicação total. Era exigente consigo e

com os outros no trabalho, mas sabia unir a esta exigência o gesto de bondade e o sorriso que a sua profunda piedade e da sua vocação salesiana integralmente vivida lhe inspiravam.

Pe. Francisco Gámez

* a 28-8-1911, † em Guadalajara (México) a 8-12-1966, com 55 anos de idade, 37 de profissão e 24 de sacerdócio.

Exerceu o seu trabalho de sacerdote e mestre sobretudo na cidade de Guadalajara. Desenvolveu um fecundo apostolado a favor dos pobres, doentes, ex-alunos, dando-se sem reservas.

Ensinou Matemática e Direito Romano na Universidade Autónoma de Guadalajara. O seu funeral transformou-se num verdadeiro triunfo para a sua pessoa, a sua obra e a Congregação.

Pe. Natal Griglio

* a 20-12-1899, † no Recife (Brasil) a 19-1-1967 com 67 anos de idade, 33 de profissão e 25 de sacerdócio.

Com quase 30 anos entrou para o Aspirantado de Ivrea, de onde partiu para as missões do nordeste do Brasil. De carácter adamantino e de grande actividade, foi sucessivamente Director das Casas de Cajaseiras, Fortaleza, Baía. Corroou a sua carreira apostólica como zelante Pároco de Fortaleza com um apostolado fecundo entre os fiéis que sempre o recordarão com saudade.

Pe. Francisco van Galen

* a 28-3-1913, † em Bogotá (Colombia) a 20-12-1966, com 55 anos de idade, 35 de profissão e 26 de sacerdócio.

Ainda clérigo, foi destinado ao lazareto de Agua de Dios. Depois da Ordenação sacerdotal foi Director dos lazaretos de Agua de Dios e de Contratación. Distinguiu-se pelo seu amor ao canto litúrgico. Pároco zelante, sacrificado, cheio de amor para com os pobres, a sua morte foi muito sentida em Agua de Dios e na Inspectoria inteira.

Pe. Aurélio Guadagnini

* a 26-11-1874, † em Turim (Itália) a 4-12-1966 com 92 anos de idade, 75 de profissão e 69 de sacerdócio.

Em Valdoco, era o único salesiano sobrevivente que conheceu D. Bosco. Foi um salesiano bom, simples, sacrificado, todo consa-

grado ao servido dos outros. Durante os 30 anos que trabalhou na Austria e na Alemanha com encargos de responsabilidade, bem como nas casas de Itália, o Pe. Guadagnini ganhou a benevolência de todos, demonstrando com o seu optimismo e com a sua bondade paterna como é bela a vida religiosa e salesiana.

Coad. Paulo Hartmann

* a 20-6-1904, † em Marienhausen (Alemanha) a 15-2-1967, com 62 anos de idade e 33 de profissão.

Morreu em Marienhausen, onde passou toda a vida salesiana como óptimo e incansável jardineiro. Tinha um dote especial para ensinar os jovens. Foi bom religioso, purificado pelo Senhor com uma longa doença, que suportou com amor, oferecendo o sofrimento ao Senhor pela Casa e pela Congregação.

Pe. Primo Infanti

* a 20-4-1909, † em Alexandria (Itália) a 6-2-1967, com 57 anos de idade, 35 de profissão e 24 de sacerdócio.

Generoso no trabalho, promotor da ordem na Igreja e nas sagradas cerimónias, empenhou-se com zelo em organizar o pequeno clero.

Prestava-se de boamente para ministério sacerdotal. Missionário na Tailândia durante 10 anos e repatriado por motivos de saúde, foi de uma serenidade edificante na doença mesmo sabendo que era incurável.

Pe. Oscar Linsbauer

* a 30-11-1912, † em Johnsdorf (Austria) a 18-2-1967, com 54 anos de idade, 34 de profissão e 20 de sacerdócio.

Uma morte repentina devida a um ataque cardíaco arrebatou este nosso Irmão de uma vida de grande trabalho e cheia de sofrimentos. As suas características foram uma profunda devoção a N. Senhora, um grande amor a D. Bosco e uma dedicação total à juventude.

Coad. Ambrósio Mariani

* a 16-5-1905, † em Banpong (Tailândia) a 19-1-1967, com 61 anos de idade e 37 de profissão.

Ainda Noviço, foi para a Tailândia e lá permaneceu até à morte. Enfermeiro e sacristão, a sua vida foi toda feita de caridade para com os jovens, especialmente os mais pobres. Era circundado de grande simpatia pelas suas exibições teatrais e sabia aproveitar sempre do seu cargo de enfermeiro para fazer bem às almas.

Pe. Vito Mazzone

* a 6-6-1907, † em Catânia (Itália) a 5-3-1967 com 59 anos de idade, 36 de profissão e 26 de sacerdócio.

Acabou a sua vida com religiosa serenidade depois de uma difícil operação. Apóstolo infatigável, consumou a sua existência entre os jovens e os antigos alunos, que amou com um coração de pai. Os que o conheceram sentiram o influxo do seu zelo sacerdotal e da sua simplicidade.

Coad. Antíoco Mura

* a 29-1-1883, † em Frascati (Itália) a 17-1-1967, com 84 anos de idade e 57 de profissão.

Uma vida longa e veneranda, gasta ao serviço da Congregação, numa amorosa dedicação a D. Bosco. Exemplo de trabalho sacrificado, apesar de uma saúde precária, de alegre observância na vida religiosa, de piedade intensa. Amava a leitura da História da Igreja, dos Papas, dos Santos. Recordava comovido o Ven. D. Rua e D. Rinaldi que conheceu.

Pe. Roberto Pettinati

* a 24-8-1926, † em Tlalnepantla (México) a 5-4-1957, com 40 anos de idade, 22 de profissão e 14 de sacerdócio.

O Senhor chamou-o repentinamente, porém já maduro em méritos para a eternidade. Foi sacerdote exemplar que dispendeu generosamente todas as suas energias para o bem de todos os que contactavam com ele. Foi Ecónomo, membro do Conselho Inspectorial, Director, e estimadíssimo Director Espiritual das Filhas de Maria Auxiliadora. Distinguiu-se particularmente pela fidelidade a D. Bosco, aos Superiores e às Regras.

Pe. Luciano Pignoni

* a 1-6-1906, † em Valparaíso (Chile) a 31-1-1967, com 60 anos de idade, 43 de profissão e 34 de sacerdócio.

Formado na escola do inesquecível Pe. Berruti, desenvolveu uma multiforme actividade salesiana e sacerdotal como conselheiro profissional, professor de Religião, Director e Pároco. A sua morte foi muito sentida por todos os que o conheceram.

Pe. André Quievreux

* a 14-9-1938, † em Celles (Bélgica) a 3-4-1967, com 28 anos de idade, 10 de profissão e 7 meses de sacerdócio.

Um cancro insidioso minou a sua vida exuberante, quando tinha ainda celebrado só 25 Santas Missas: depois, uma longa e generosa preparação para a morte foi a sua vida de sacerdote salesiano. Três dias antes de morrer, dizia ao seu Inspector: « Ofereço a minha vida pela Congregação e pela Inspectoria para que ela tenha muitos bons Irmãos. Eu fui tão feliz na Congregação! ».

Pe. João Rolfo

* a 24-5-1920, morreu em Turim (Itália) a 13-4-1967, com 46 anos de idade, 29 de profissão e 19 de sacerdócio.

A vida sacerdotal de D. Rolfo alternou-se entre a generosidade em trabalhar pelos jovens, como Director do Oratório, e o sofrimento de uma longa doença. No apostolado foi activo, bom, incapaz de se poupar, exigente consigo e com os outros no cumprimento do dever, mas de uma rara gentileza de espírito. Na doença, aceitou serenamente a vontade de Deus e esperou com amorosa oferta de si, a lenta e consciente aproximação da morte.

Pe. João Ryan

* a 4-5-1903, † em Londres (Inglaterra) a 5-2-1967, com 63 anos de idade, 39 de profissão e 30 de sacerdócio.

Viveu os anos de maior actividade salesiana nas nossas Casas da Austrália, prodigalizando-se como trabalhador incansável e como sacerdote dedicado, exemplar e devoto. Obrigado a regressar à Pátria

por motivos de saúde, passou os últimos anos de sofrimento de maneira edificantíssima, preparando-se bem para o encontro com o Senhor.

Pe. Salvador Sciuto

* a 2-4-1883, † em Catânia (Itália) a 11-2-1967, com 83 anos de idade, 65 de profissão e 56 de sacerdócio.

O P. Sciuto, pouco depois dos 20 anos foi atingido por uma forma grave de surdez. Com uma dispensa especial, recebeu à mesma as Sagradas Ordens. Desejoso de continuar a ser útil à juventude, dedicou toda a sua actividade a levar os jovens à compreensão e ao amor da língua latina. Deixou numerosas publicações e grande fama neste sector, ao qual se dirigiu a atenção educativa do nosso Fundador.

Pe. Umberto Sebastiani

* a 20-5-1884, † em Arborea (Itália-Cagliari) a 19-2-1967, com 82 anos de idade, 60 de profissão e 51 de sacerdócio.

No seminário de Urbino, atraiu-o o ideal salesiano tornou-se um digno filho de D. Bosco. A sua vida foi simples, serena, exemplar na abservância, no trabalho, cordial no dever do ministério sacerdotal e no amor para com os outros. Como Director da casa de S. Tarcísio nas Catacumbas, durante o último e doloroso período bélico abriu a casa e o coração a muitos aflitos.

Clérigo Cecílio Sousa

* a 28-9-1936, † em Belo Horizonte (Brasil) a 14-11-1966, com 30 anos de idade e 10 de profissão.

Clérigo virtuoso, era estimado pelos seus antigos alunos, devido à sua solícita caridade para com todos. Durante o longo purgatório dos últimos 5 anos, no meio de intervenções cirúrgicas e doenças, deu prova de uma inalterável paciência e de religiosa resignação.

Pe. Carlos Torello

* a 8-10-1886, † em Roma (Itália) a 13-2-1967, com 80 anos de idade, 60 de profissão e 47 de sacerdócio.

Exerceu o primeiro ministério sacerdotal no Testaccio (em Roma e em Rimini; a partir de 1933, foi o missionário pioneiro da cidade de Latina que surgiu do saneamento do « Agro Pontino ». P. Torello

foi um homem simples, de coração bom e generosíssimo, de maneiras cordiais e exuberantes; o zelo pelas almas fez dele um trabalhador incansável, pronto a qualquer sacrifício, de forte espírito sobrenatural e de uma extraordinária actividade pastoral. Implantou uma sólida tradição de fé numa população adventícia que corria o perigo de construir só uma cidade terrena e foi, por isso, o verdadeiro patriarca de Agro Pontino.

Pe. Carmelo Tuscano

* a 14-5-1922, † em Biella (Itália) a 16-4-1967, com 44 anos de idade, 26 de profissão e 16 de sacerdócio.

Um ataque constringiu-o a interromper a Missa Dominical no momento do Credo; morreu no hospital umas horas depois. Possuía uma personalidade rica e delicada. Amava a arte e a música e sabia infundir nos alunos esse mesmo amor. Tinha o condão de atrair a simpatia dos alunos, que nele viam não só o professor mas um guia sacerdotal ao qual podiam apoiar-se com confiança.

Pe. Daniel Zurita

* a 31-1-1908, † em Puebla (México) a 26-3-1967, com 59 anos de idade, 42 de profissão e 33 de sacer.

Desenvolveu o seu trabalho sacerdotal em diversos cargos importantes, como Ecónomo Inspectorial, Director, fundador do Boletim Salesiano no México, Delegado Nacional dos Cooperadores e dos antigos alunos. Trabalhou incansavelmente na renovação da Inspectoria. Foi cuidadosíssimo pelas vocações sacerdotais, contando-se às centenas as que nasceram devido à eficácia do seu apostolado.

Suportou a dolorosíssima enfermidade com uma força de ânimo verdadeiramente exemplar.

1º Elenco 1967

N.	COGNOME E NOME	DATA		LOCALITÀ E DATA DI MORTE	ETÀ	
		DI NASCITA	ISPETTORIA			
1	Coad. ANDUEZA Luigi Maria	11-12-1950	Barcelona (Spagna)	Barcelona	8-3-1967	16
2	Sac. BAMBER Erberto	24-9-1908	Inglese	Chertsey (Ing.)	28-1-1967	58
3	Coad. BARON Giulio	15-9-1905	Bogotá (Colom.)	Bogotá	14-2-1967	61
4	Sac. BIBBO Pasquale	16-6-1915	Campano-Cal.	Napoli	13-4-1967	51
5	Coad. CASTILLO Emanuele	29-1-1907	Perù	Lima (Perù)	2-11-1966	59
6	Coad. CAUCHI Alfredo	21-5-1871	Inglese	Sliema (Malta)	10-2-1967	95
7	Coad. CAVAGNINO Giovanni	12-3-1878	Centrale	Torino	20-2-1967	88
8	Sac. DELACROIX Giorgio	14-12-1902	Africa Centrale	Bruxelles (Belgio)	12-1-1967	64
9	Sac. GAMEZ Francesco	28-8-1911	México	Guadalajara (Mex.)	8-12-1966	55
10	Sac. GRIGLIO Natale	20-12-1899	Recife (Brasil)	Recife	19-1-1967	67
11	Coad. HARTMANN Paolo	20-6-1904	Köln (Germania)	Marienhäusen (Ger.)	15-2-'67	62
12	Sac. INFANTI Primo	20-4-1909	Novarese	Alessandria (Ital.)	6-2-1967	57
13	Sac. LINSBAUER Oscar	30-12-1912	Austria	Johnsdorf (Aus.)	18-2-1967	54
14	Sac. MAIER Augusto	6-6-1883	Austria	Wien (Austria)	3-4-1967	83
15	Sac. MANGIONE Salvatore	28-11-1888	Sicula	Randazzo (Italia)	14-3-1967	78
16	Coad. MARIANI Ambrogio	16-5-1905	Thailandia	Banpong (Thail.)	19-1-1967	61
17	Sac. MAZZONE Vito	6-6-1907	Sicula	Catania (Italia)	5-3-1967	59
18	Coad. MURA Antioco	29-1-1883	Romana	Frascati (Italia)	17-1-1967	84
19	Sac. PETTINATI Roberto	24-8-1926	México	Tlalnepantla (Méx.)	5-4-1967	40
20	Sac. PIGNONI Luciano	1-6-1906	Chile	Valparaiso (Chile)	31-1-1967	60
21	Sac. QUIEVREUX Andrea	14-9-1938	Belgio Sud	Celles (Belgio)	3-4-1967	28
22	Sac. ROLFO Giovanni	24-5-1920	Centrale	Torino	13-4-1967	46
23	Sac. RYAN Giovanni	4-5-1903	Inglese	Londra (Ing.)	5-2-1967	63
24	Sac. SCIUTO Salvatore	2-4-1883	Sicula	Catania (Italia)	11-2-1967	83
25	Sac. SEBASTIANI Umberto	20-5-1884	Romana	Arborea (Italia)	19-2-1967	82
26	Ch. SOUSA Secilio	28-9-1936	Belo Horiz. (Br.)	B. Horizonte	14-11-1966	30
27	Sac. TORELLO Carlo	8-10-1886	Romana	Roma	13-2-1967	80
28	Sac. TUSCANO Carmelo	14-5-1922	Novarese	Biella (Italia)	16-4-1967	44
29	Sac. ZURITA Daniele	31-1-1908	México	Puebla (México)	26-3-1967	59